

Irmandades do Divino Espírito Santo: tradição já ‘cria raízes’ na região do Médio Tietê

Luiz Nunes de Almeida¹
Cinthia Milanez Del Bem²

Resumo: Sob o estrondo do trabuco, uma espécie de espingarda utilizada pelos bandeirantes, as Irmandades do Divino Espírito Santo anunciam a chegada às propriedades dos fiéis. Este trabalho oferecerá uma reflexão sobre o universo simbólico movimento do Divino Espírito Santo em Anhembi, Conchas e Laranjal Paulista, no Médio Tietê, no Estado de São Paulo. Para tanto, serão apresentadas uma perspectiva histórica e uma análise das Irmandades do Divino Espírito Santo, associadas aos conceitos de Alfredo Bosi, Carlos Rodrigues, Clifford Geertz, Brandão, Julieta Scarano.

Palavras-chave: Irmandades do Divino Espírito Santo; Rio Tietê.

Abstract: By the burst of the shotgun used by the scouts, the Brotherhoods of God's Holy Spirit announce their arrival in the believers' propriety. This article will offer a reflection about the symbolic universe of the Brotherhoods of God's Holy Spirit in Anhembi, Conchas and Laranjal Paulista, in Middle Tietê, São Paulo estate. To this end, a historical perspective and an analysis of these Brotherhoods will be utilized according to the concepts of Alfredo Bosi, Carlos Rodrigues, Clifford Geertz, Brandão, Julieta Scarano.

Keywords: Brotherhoods of God's Holy Spirit; Tietê River.

¹Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. E-mail: luiznunesdealmeida@gmail.com.

²Jornalista formada pela Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR) e discente do Curso de Especialização em Comunicação, Cultura e Mídia da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru. E-mail: cinthiamilanez@gmail.com.

História de fé e cura

Esta pesquisa aborda as diferentes faces e fases destinadas à representação simbólica das Irmandades do Divino Espírito Santo do Médio Tietê Paulista, na região de Botucatu, entre as cidades de Anhembi, Conchas e Laranjal Paulista, onde os moradores se reúnem em torno das bandeiras do Divino para mostrar ao mundo a relação e a fé do povo com o sagrado, bem como perpetuar o registro de sua história, resgatar a expressividade do amor ao próximo sobre os preceitos da Igreja Católica, além de consolidar a religiosidade como manifestação cultural e apreço à vida.

Muito já se ouviu falar da Festa do Divino Espírito Santo, que existe em diversos estados do Brasil. Na região do Médio Tietê, contudo, a devoção histórica pelo terceiro elemento da Santíssima Trindade, segundo o catolicismo, se sobressai à recreação, uma vez que acompanhar Deus até a casa do povo torna-se mais importante do que simplesmente homenageá-lo. Com pelo menos 150 anos de história, a romaria dos irmãos do Divino já “criou raízes” no território e a tradição é passada de pai para filho.

Tanto que, conforme reportagem veiculada pelo Jornal da Cidade de Bauru no dia 7 de junho deste ano, José Gomes de Moraes é um homem de meia idade que, desde criança, acompanha a Irmandade de São João, em Conchas, e não pensa em desistir enquanto tiver forças para suportar o desgaste das viagens. Por influência da família, o irmão decidiu dedicar boa parte da vida a uma tradição de quase dois séculos. Na infância, Moraes passou por cinco cirurgias nos olhos, porque foi diagnosticado com “catarata de nascença”. Portanto, a tendência era de que o irmão perdesse toda a visão. Embora tenha de utilizar óculos para enxergar com clareza, Moraes não ficou cego.

Sobre as viagens, o veterano revela algumas dificuldades. De casa em casa, seja na área rural ou urbana, os integrantes do movimento levam a bênção do Espírito Santo aos moradores. Em troca, os anfitriões oferecem uma refeição. O ritual da viagem fluvial ou terrestre dos chamados irmãos do Divino (homens e crianças), com passagens pelas residências das pessoas devotas, é sempre uma festa calorosa, com fartura de alimentos, cantoria e orações. A bandeira do Divino Espírito Santo é o símbolo central da tradição, considerado o próprio Espírito Santo que derrama a bênção sobre os fiéis.

Um movimento de quase dois séculos

O movimento religioso dos leigos começou em meados do século XIX, quando uma epidemia de febre de malária acometeu a população ribeirinha do Rio Tietê, nas imediações dos bairros rurais do Pau Cavalo e Baguari, em Conchas. Na época, o território ainda pertencia à freguesia da Santíssima Trindade de Pirapora do Curuçú, hoje Tietê, que era da jurisdição de Porto Feliz, onde houve inúmeros casos de pessoas infectadas pela doença e muitas mortes.

A população ribeirinha do Rio Tietê foi praticamente dizimada pela doença. Muitos, por receio de contaminação, fugiram da região em direção ao ribeirão das conchas ou a outras áreas do Estado, como mostra Araújo (2014). Nas palavras do autor, “neste contexto, diante da ausência do Estado e por completo abandono, o povo humilde da roça clama por orações, não pela intercessão dos santos padroeiros, mas à entidade suprema, o Divino Espírito Santo. Daí o surgimento inabalável desta devoção, sob a fé capaz de proteger e curar o mais temível flagelo humano” (ARAÚJO, 2014, p. 105).

Já Almeida (2013) aborda que, além desta doença, havia uma avassaladora epidemia de febre amarela, que provocou milhares de mortes. Contudo, a enfermidade foi controlada pela expedição fluvial de Luiz Manoel dos Santos, um humilde posseiro de Minas Gerais. Ele se embrenhou pelo Rio Tietê e, com uma bandeira do Divino em mãos, além de remédios prodigiosos, socorreu os habitantes ribeirinhos das tormentas, importunações e infelicidades. Tudo em prol da prática de solidariedade, fraternidade, partilha e pagamento de promessas.

A viagem aquática ou terrestre das Irmandades do Divino Espírito Santo do Médio Tietê representa um ajuste da sociedade caipira ao estilo de vida cristã, em que estão presentes o Pai, o Filho e o Espírito Santo, ou seja, a Santíssima Trindade, cuja virtude é oferecer aos fiéis a sublimação dos traumas do passado, bem como a supressão de carências e dificuldades cotidianas, como desemprego, desavenças familiares, problemas econômicos, doenças etc.

Estas romarias trouxeram à tona as experiências passadas, especialmente, aquelas realizadas pela comitiva de Luiz Manoel dos Santos, cuja promessa ao Divino para sobreviver, manter a família e o povo reunido motivou as primeiras manifestações mais fervorosas de adoração. Na época de Luiz Manoel, meados do século XIX, as dificuldades do trabalho na roça com soluções mínimas de subsistência eram esquecidas

nos momentos de louvor ao Divino Espírito Santo e aos santos e santas representantes de Deus.

Na ocasião, os pedidos a Deus enfatizavam a necessidade de erradicação das doenças do campo, principalmente, das febres silvestres que atingiam os moradores ribeirinhos do Tietê, o que acabou, de fato, por acontecer. Hoje em dia, os irmãos do Divino percorrem praticamente toda a região Centro Oeste a fim de assistir os moradores das cidades de Anhembi, Bofete, Botucatu, Cesário Lange, Conchas, Itatinga, Juquiratiba, Laranjal Paulista, Maristela, Pereiras, Piracicaba, Pirambóia, Porangaba, Tatuí etc. A missão se baseia em serviços religiosos, rezas, cantos, benzeduras e levantamento de mastros ao Espírito Santo.

A alegria dos seguidores das Irmandades do Divino Espírito Santo não está na graça recebida pelos integrantes do grupo, mas em toda e qualquer graça alcançada por pessoas que, de uma forma ou de outra, são presenteadas pelas mãos do Divino. Assim, contagiado pelos rituais, o povo da região mantém a manifestação arraigada à cultura local e a institui ao calendário cíclico da Igreja Católica. A veneração, desde então, é cultivada com fé e características peculiares.

Todos os anos, no período católico de Pentecostes, celebrado 50 dias após a Páscoa, quando o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos de Cristo, as Irmandades fazem visitas à população. E é com os estampidos do trabuco que os irmãos anunciam a chegada do movimento à casa dos anfitriões, que, em troca dos benefícios celestiais recebidos pelas orações dos romeiros, oferecem uma refeição, desde o café da manhã até o jantar, mais conhecido como pouso, já que os integrantes das Irmandades passam a noite em algumas residências.

O povo simples confere sentido à vida

Por ter uma dimensão cultural importante, o papel religioso dos irmãos durante as peregrinações demonstra como o povo simples do Interior confere sentido à vida. Não só os integrantes das Irmandades, mas toda a população católica do território, consideram que o Divino Espírito Santo representa a reprodução da vida e a tradição em homenageá-lo se mistura com a própria história do povo que habita a região, sobretudo, aquele que reside na zona rural.

Tanto as refeições quanto as orações, cantadas em rimas e toadas de cururu, não são restritas aos anfitriões, que recebem verdadeiras multidões. Tudo é de graça.

Este é o caso de Israel Targino da Silva e Teresa Pinto de Oliveira da Silva. Conforme reportagem publicada pelo Jornal da Cidade de Bauru no último 7 de junho, há oito anos, o casal conta com a ajuda da família e dos amigos para organizar a recepção da Irmandade de São João, em Conchas, e da população. O anfitrião, que ganha a vida como pedreiro, já chegou a passar fome, mas faz de tudo para que 1,5 mil pessoas tenham a oportunidade de ter um boa “refeição abençoada”.

Oferecer pratos típicos da região para os irmãos e o povo representa os laços da família com os integrantes do grupo. Para os membros das Irmandades, os encontros das pessoas crédulas com o Divino são representações simbólicas da relação íntima do homem com o próprio Deus, em um laço de harmonia e fé. Tais encontros são dotados de um acolhimento intimista, ou seja, é uma relação direta do devoto com o Deus, sem intermediações de santos ou santas.

Diante disso, as visitas das Irmandades do Divino às residências dos moradores da região é mais que uma simples troca de energia. É uma força emprestada à comunidade, que tem de devolver em festa. A graça deve ser dividida, uma vez que toda a comunidade ajuda a ativar esta força benéfica que se desencadeia nos cafés, almoços, pousos e festas ao Divino Espírito Santo. Aliás, parte integrante da romaria, a alimentação, embora não seja o maior atrativo, significa proteção.

Os terreiros das casas passam a ser a cozinha e o refeitório. Em fogões à lenha improvisados, a “cozinha” é preparada em grandes tachos e panelas para milhares de pessoas. A comida é servida sobre empalisados, barracões provisórios cobertos de lonas ou galpões. Os pratos são bem feitos e o cardápio reflete a cultura local: sopa de mandioca com carne, arroz, feijão, carne moída e/ou picadinho, carne de frango, de vaca, de porco, macarrão, farofa, salada de alface ou tomate, além de doces.

A crença geral é de que a comida do Divino não mata apenas a fome biológica, mas sacia a fé, pelo fato de ter sido abençoada por Deus. Os alimentos são doados pelos anfitriões, que recebem auxílio dos familiares e amigos. Eles ajudam a servir, lavar os pratos, buscar água, abater animais e, claro, preparar as refeições. Os louros, porém, são reservados para os homens, fato que, hoje em dia, revela raízes do passado de discriminação à mulher, conforme menciona Cândido (1982)³.

³ (...) nas festas, por exemplo, ela se conserva à parte. No empalisado construído à frente da residência para as danças e cantos, só penetra para servir café, pão ou quentão, permanecendo a maior parte do tempo no interior, portas e janelas da casa, que, nestes casos, lhe é atribuída por homenagem, e onde lhe cabe preparar alimentos e atender aos pedidos dos convidados. Nas danças caipiras lídimas, como o cururu e, sobretudo, o fandango, ela não toma parte, salvo exceções (CÂNDIDO, 1982, p.239).

A regra diz que os primeiros a serem servidos são os irmãos e os familiares dos festeiros. A segunda “mesada” ou “rodada”, de acordo com o número de comensais, é servida para as mulheres e as crianças. Da terceira “rodada” em diante, para os demais participantes. Todos ficam em frente aos pratos em pé. Os pratos são fundos e os talheres, colheres de sopa. À mesa, onde rezam, cantam e comem, os fiéis compartilham os desafios que enfrentam diariamente e se fortalecem.

Não é só comer, mas também celebrar com o outro a presença do Divino Espírito Santo. Por conta da ideia de que toda a doação produz recompensa, o princípio da reciprocidade está presente. Homens, mulheres e crianças são parte da Irmandade, comem junto a ela e agradecem os alimentos que receberam daqueles que os acolheram. Saciados com o farto repasto, os visitantes, ao se retirarem da mesa, agradecem a família hospedeira e dizem: “Deus lhe pague”.

Cultura local torna o movimento peculiar

Assim, na convivência com a cultura caipira do Centro-Oeste Paulista, conclui-se que as romarias anuais dos irmãos leigos do Divino refletem a presença de preciosos ritos religiosos de sociabilidade e associação aos meandros vividos pelos moradores da região. O conjunto de fiéis construtores de uma expressão religiosa em estado de festa se apresenta como portador de elementos distintivos de um modo de vida, com influências marcantes e determinantes sobre as regras de conduta ética e religiosa pregadas pelo catolicismo.

Das festas do Divino de Anhembi, Conchas e Laranjal Paulista, percebe-se que elas estão divididas em quatro eventos: o religioso, que expressa um vínculo mais próximo à Igreja, o profano, o marginal e outro religioso, mas com uma presença muito forte das características das Irmandades, que, embora tenham proximidade com a Igreja, mantêm características da cultura caipira.

Diante disso, os irmãos são o principal elemento estrutural desta festa do catolicismo, essencialmente, porque são os patrocinadores e organizadores dos rituais e fomentam uma celebração em que os turistas e moradores se reúnem para comemorar as bênçãos recebidas de Deus. Portanto, as histórias de Anhembi, Conchas e Laranjal

Paulista se constroem com manifestações culturais e personagens que extrapolam as fronteiras do Rio Tietê.

São culturas que encantam e influenciam, até hoje, as linguagens artísticas, poéticas e literárias; estão na vanguarda da ciência médica; e contribuem para a preservação de tradições populares. O cururu, assim como a moda de viola, são traços marcantes da cultura caipira da região e têm gravado, na memória local, marcas indeléveis de uma poesia lírica e verdadeira, conforme descreve Araújo (2014). Quanto ao futuro da iniciativa, ela perdurará enquanto houver fé.

Bibliografia

ALMEIDA, Luiz Nunes de. **Rio Tietê, estrada líquida do Divino Espírito Santo**. Scortecci Editora, São Paulo, 2013.

ARAÚJO, Maurício. **Conchas, história e memória**. Espaço Idea, Aruá, 2014.

BOSCHI, Carlos Cezar. **Os leigos e o poder: Irmandades leigas e políticas colonizadoras em Minas Gerais**. Editora Ática, São Paulo, 1986.

BOSI, Alfredo. **Culturas brasileiras: temas e situações**. Editora Ática, São Paulo, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis**. Editora Oriente, Goiânia, 1974.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1982.

DEL BEM, Cinthia Milanez. **Oração, fé e cura**. Jornal da Cidade de Bauru, 7 de junho de 2015, p. 21-23.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1982.

SCARANO, Julieta. **Devoção e escravidão: a Irmandade de Nossa Senhora dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII**. Companhia Editorial Nacional, São Paulo, 1978.